



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
Primeira Sessão Plenária da 5ª Cúpula das Américas**

Porto de Espanha – Trinidad e Tobago, 18 de abril de 2009

Obrigado, Primeiro-Ministro.

Na última reunião em que eu fui convidado para participar do G-8, no Japão, eu disse na reunião – e o secretário-geral Ban Ki-moon estava presente – que essa crise econômica deveria ser debatida nas Nações Unidas. As Nações Unidas têm um instrumento chamado Ecosoc, que poderia transformar o debate em um debate que envolvesse todos os países de todos os continentes, e não se restringisse apenas ao G-8. Isso não foi possível por “n” razões, que depois o Secretário-Geral das Nações Unidas pode falar.

É importante lembrar que, até poucos dias atrás, as decisões sobre a economia mundial eram tomadas, primeiro pelo G-7, depois pelo G-8, depois pelo G-8+5, e agora já são G-20, que não são 20, são 22. O que nós estamos percebendo? Que há uma evolução na participação dos países para decidir sobre uma crise que eu considero profunda, e uma crise que nasceu da irresponsabilidade do gerenciamento, pelos Estados, do sistema financeiro internacional.

A reunião do G-20... e eu queria retratar isso aqui com muita fidelidade, sem ter procuração. Eu penso que quando eu, Cristina, Calderón, estamos no G-20, nós estamos falando em nome dos nossos companheiros da América Latina. A reunião do G-20 foi um avanço muito grande. Eu acho que foi um avanço que nem os melhores especialistas do mundo acreditavam que a gente pudesse chegar ao que nós chegamos. O fato de as pessoas aceitarem discutir a democratização do FMI, o fato de todo mundo concordar em injetar US\$ 1 trilhão no FMI e o FMI emprestar o dinheiro sem condicionalidades é um avanço extraordinário. É um avanço... Eu, que durante 20 anos via descer no



meu país uma delegação do FMI para dizer que política fiscal deveríamos fazer, que investimentos deveríamos fazer, onde tínhamos que cortar dinheiro, foi um ganho extraordinário o fato de nós estabelecermos que não há mais condicionalidades nos empréstimos do FMI.

Segundo, é preciso... a decisão de fortalecer o Banco Mundial também foi extremamente importante. Fortalecer com o compromisso de que o Banco Mundial cuide de emprestar recursos para os países mais pobres fazerem a sua economia voltar a girar. Obviamente, outra vez a responsabilidade recai numa escala de valores de quem pode mais, até chegar em quem pode menos. Os países que estavam lá, todos se colocaram de acordo. Até o Brasil, que durante 20 anos era um país que vivia tomando dinheiro emprestado do FMI, decidiu que vamos emprestar dinheiro ao FMI. Obviamente, sob a condição de que esse dinheiro seja emprestado para os países mais necessitados.

Acho que a reunião teve um avanço excepcional porque todo mundo está mais humilde. Já não há mais aquela arrogância do chamado mundo desenvolvido, dizendo o que nós tínhamos que fazer, porque a crise é de tal magnitude que ninguém sabe o que fazer. Ninguém tem mais a certeza absoluta. O FMI já não tem mais certeza absoluta, o Banco Mundial já não tem mais certeza absoluta. Nenhum governante tem mais certeza absoluta, porque a crise pegou todos nós.

No caso do Brasil, preocupados com as conquistas que nós tivemos nos últimos tempos, nós temos tomado medidas que têm mostrado algum efeito positivo. A primeira coisa que nós fizemos foi [tomar] medida para não permitir que a indústria automobilística brasileira entrasse em crise, porque a indústria automobilística brasileira representa 24,5% do PIB industrial, tem uma cadeia muito grande. Ontem nós decidimos a mesma política de isenção de impostos e capital de giro para atender à cadeia produtiva na área de alimentos, que também é muito grande. Quando um grande frigorífico quebra, atrás daquele grande frigorífico tem milhares de pequenos produtores, de pequenos criadores



de gado, que são vítimas e não têm financiamento. Então, nós tomamos duas decisões: emprestar recursos às grandes empresas que estão com problemas financeiros muito sérios e, ao mesmo tempo, emprestar capital de giro para que as empresas pequenas possam voltar a funcionar.

Só um último dado aqui, que eu acho importante. Anunciamos um programa de habitação de construção de 1 milhão de casas próprias para reativar a construção civil. Eu acho que para a gente não permitir que haja uma degradação nas conquistas que nós tivemos nos últimos dez anos, é importante que todos nós façamos aquilo que não podíamos fazer em tempo de normalidade. Eu diria, fazer mais investimento público, o máximo que pudermos fazer, para a gente poder tentar reativar o nosso mercado interno e, consequentemente, minimizar o sofrimento dos trabalhadores.

Obrigado, Primeiro-Ministro.

(211B)